

A DEFESA DANÇADA DE BILL RICHMOND¹

T. J. Desch Obi

City University of New York

Nova York, Estados Unidos

profobi@gmail.com

Resumo

Este artigo explora a ascensão de Bill Richmond, que se tornou o primeiro *prizefighter*² norte-americano e astro negro do esporte na Inglaterra Regencial. No intuito de ir além de explicações raciais e sociológicas para o sucesso de Richmond, investigo um legado inexplorado de lutas herdado de Angola que floresceu entre as comunidades escravizadas do Atlântico Negro. Estas tradições de combate podem ajudar a contextualizar as táticas de esquiva de Richmond, as quais foram centrais em seu sucesso e legado no boxe.

Palavras-chave: Bill Richmond; boxe; Inglaterra Regencial.

Abstract

Bill Richmond's Danced Defense

This article explores the rise of Bill Richmond, who became the first American prizefighter and black sports star in Regency England. It moves beyond racial and sociological explanations for the success of Richmond by investigating an unexplored combative legacy inherited from Angola that thrived among the enslaved communities in Black Atlantic. These combat traditions may help to contextualize Richmond's evasion skills, which were at the center of his success and boxing legacy.

Keywords: Bill Richmond; boxing; Regency England.

Décadas antes de qualquer branco dos EUA se destacar na modalidade, Bill

¹ Tradução inédita em português a partir de manuscrito revisto pelo autor. Versão anterior em inglês publicada no *Journal of Sport History*, v. 36, n. 1, p. 99-114. Traduzido com autorização do autor e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de autores relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte. Tradução: Rafael Fortes.

² O termo se refere aos lutadores das décadas iniciais do boxe – portanto, anteriores às categorias *amador* e *profissional*. Os *prizefighters* não eram profissionais, mas recebiam dinheiro quando lutavam. Sendo assim, optei pela manutenção do termo original. No caso das palavras *prizefighting* e *prizefight*, que se referem às lutas que envolviam pagamento aos combatentes, optei por traduzi-las como “boxe a dinheiro” ou “luta a dinheiro” (NT - nota do tradutor).

Richmond ergueu-se da escravidão para se tornar o primeiro astro estadunidense como boxeador profissional. Richmond nasceu em 5 de agosto de 1763, em Cuckhold (hoje Port Richmond, em Staten Island, cidade de Nova York), e cresceu em cativo. Libertou-se quando seu senhor fugiu, no momento em que a Grã-Bretanha capturava Staten Island, sob o comando de Earl Hugh Percy. Richmond tornou-se cavaleiro do exército britânico, uma vez que sua idade e raça o impediram de prestar serviço em combate. Embora fosse apenas um adolescente, fez nome durante uma briga na taverna Red Lion em 5 de novembro de 1776. Percy descreveu a luta em detalhes:

Um jovem preto estava cuidando das montarias dos oficiais e dando água aos cavalos, quando um cabo da divisão Brunswicke irritou-o e brincou com sua cor. Dois outros mercenários juntaram-se à folia, um deles tropeçando de propósito no garoto negro, de maneira que este deixou cair a lata d'água que carregava, derramando o conteúdo.

Na confusão que se seguiu, o jovem, “com facilidade, fez-lhes pagar inteiramente por sua brincadeira”, acertando repetidamente os três soldados. O mais incrível é que, apesar do fato de serem muito maiores, os movimentos e desvios de Richmond frustraram completamente

seus esforços para acertá-lo de volta até que, por fim, dois dos velhacos mercenários correram em fuga, enquanto o cabo Brunswicke, sangrando muito, caiu sobre o cocho. O guerreiro preto triunfante buscou a lata d'água e voltou ao trabalho como se nada houvesse ocorrido.³

Percy, que mais tarde se tornaria segundo Duque de Northumberland, ficou tão impressionado com o jovem Richmond que o trouxe para a Inglaterra como pajem pessoal.

Na Inglaterra, Richmond relutou para entrar no mundo das lutas a dinheiro, mas

³ Devo a Fergus Gwynplaine Macintyre esta referência retirada da sede do Arquivo Público. Reproduzido em “Both Fists Set Flailing”. New York Daily News, 26 fev. 2003 e comunicação pessoal, 2 mar. 2005.

rapidamente se tornou a primeira estrela do esporte estadunidense, com uma série de vitórias sobre pugilistas ingleses muito maiores e mais experientes. De fato, o príncipe regente escolheu Richmond – a despeito de sua condição de estrangeiro e negro – como um dos seis pugilistas principais para demonstrar a arte da tenacidade inglesa para o rei da Prússia, o czar da Rússia e o general prussiano Blücher em 1814.⁴ Para a maioria do mundo de língua inglesa, que conhecia bem seu rápido progresso no boxe, esse sucesso inicial de Richmond pode ter sido um enigma: como poderia um ex-escravo negro erguer-se tão alto no esporte nacional inglês sem sequer uma lição? Uma tendência de alguns contemporâneos desses eventos e de cronistas do boxe posteriores foi atribuir o sucesso de negros no ringue a noções racistas de superioridade biológica.

Embora tenha desembarcado décadas antes da ascensão do darwinismo social, Richmond chegou à Europa no último quartel do século XVIII, quando centenas de anos de envolvimento com a escravização de africanos já haviam pavimentado as percepções europeias sobre as habilidades africanas.⁵ A ideia racista de que a medição de crânios poderia provar a distinção biológica entre negros e brancos já existia há um bom tempo, desde a publicação de *Systema Naturae*, de Carolus Linneaus (EZE, 1997; GOULD, 1981; LINNAEUS, 1758). Tais associações incipientes adquiriram tons mais explícitos após a ascensão formal do darwinismo social, com mitos populares sugerindo que os negros tinham crânios mais espessos e resistentes à dor causada por pancadas na cabeça (FLEISCHER, 1938, p. 1-2). A despeito da apresentação forçada de explicações sociológicas e econômicas alternativas para o sucesso de atletas negros a partir do século XX, tais argumentos genéticos permaneceram em décadas recentes

⁴ O príncipe regente também escolheu Richmond, junto com outros 17 lutadores de ponta, para compor a guarda de honra de sua coroação como George IV (FORD, 1971, p. 71).

⁵ Sobre o racismo herdado da Península Ibérica, ver Sweet (1997).

(HOBERTMAN, 1997; WIGGINS, 1997). Neste trabalho, intento investigar um fator alternativo, mas ainda inexplorado, no surpreendente sucesso do primeiro *prizefighter* afro-americano: um estilo revolucionário de defesa. Na ausência de registros detalhados sobre a juventude de Richmond, não podemos saber ao certo sua relação pessoal com pugilistas negros. Ainda assim, sua tática de defesa “dançada” claramente estabelecia um paralelismo com os estilos de combate do Atlântico Negro, com os quais ele teria travado contato.

Defesas “dançadas” angolanas

Enquanto quase todos os falantes de nigero-congolês ao longo da costa ocidental africana praticavam algum tipo de combate desarmado, frequentemente lutas, os povos da região angolana da Cimbebásia concentravam-se no pugilismo, particularmente em jogos envolvendo cabeçadas, tapas⁶ e *kick boxing* (OBI, 2002). A luta de cabeçadas desenvolveu-se em jogos entre a juventude e, às vezes, evoluiu para uma forma de duelo em que se ataca com a cabeça, à moda das brigas de gado premiado, centrais na cultura cimbebasiática. Como muitas artes marciais africanas, o boxe de tapa *kandeka* era praticado como dança em um círculo formado por adeptos, espectadores e músicos que acompanhavam as disputas com percussão e cânticos. O ideal estético nesses jogos de boxe de tapa era evitar o golpe do adversário usando destreza corporal e movimentos evasivos. Ao evitarem os potencialmente dolorosos mas inofensivos tapas nessa “batalha dançada”, a juventude treinava, de forma segura, habilidades de defesa. O *kick boxing engolo* teve lugar no mesmo círculo ritual, mas usou chutes ágeis – que pediam

⁶ O autor refere-se ao *boxe de tapa*, um tipo de desafio/luta semelhante ao boxe, no qual os lutadores não usam luvas e aplicam tapas (e não socos) no adversário.

defesas ainda mais acrobáticas, pois o bloqueios⁷ não eram permitidos (OBI, 2008, p. 17-51).

As disputas de *engolo* abarcavam todo um espectro de contextos sociais: funcionavam como parte de cerimônias de cura, como entretenimento em festas e como tipo de autodefesa. Em todas essas formas, a arte enfatizava habilidades defensivas que cresceram a partir de uma filosofia que ligava defesa a dança e agilidade acrobática. Como sugerem os nomes *kandeka*, que literalmente significa “virar-se” e *engolo*, “abaixar-se” (por exemplo, de maneira a chutar ou a esquivar-se de um ataque), a estética de combate cimbebasíatica enfatizava a agilidade defensiva através de um trabalho de pés semelhante à dança e à ciência da esquivas.⁸ O lutador mais admirado não era o que aplicava os golpes mais devastadores, mas aquele com as defesas mais graciosas. Essa defesa “dançada” era questão de vida e morte para os soldados angolanos, os quais não usavam escudos nas batalhas. A primeira fase da guerra envolvia uma troca de armas mísseis – às vezes, uma saraivada de flechas. Para sobreviver e entrar no combate mano a mano, os soldados baseavam-se em sua destreza para desviar-se dos projéteis, uma habilidade chamada *yepa*, *vanga* ou *nsanga* (romanizada como *sanguar*) em algumas línguas angolanas (THORNTON, 1988). O padre Pero Rodrigues (1954), missionário em Angola no final do século XVI, descreveu este estilo de defesa:

Eles não têm armas de defesa, toda ela reside no *sanguar*, que é pular de um lugar para outro com mil rodopios e tamanha agilidade que eles conseguem desviar de flechas e lanças (*pelouros*) que lhes são atiradas (p. 563).

⁷ Aparo de golpes com os braços (NT).

⁸ O autor refere-se a um movimento lateral brusco para escapar de um golpe.

Portanto, *kandeka* e *engolo* ajudaram a desenvolver essa aparentemente fantástica habilidade de esquivar lateral, essencial para se sobreviver à fase míssil dos combates, e útil também na fase mano-a-mano (de maneira a evitar a arma do inimigo, na ausência de escudo). Outros estilos pugilísticos no Centro-Oeste da África compartilhavam essa ênfase na defesa evasiva.

No Centro-Oeste africano, a entrada no sistema de comércio do Atlântico caracterizava-se por guerras endêmicas. Portanto, os prisioneiros indubitavelmente constituíam um alto percentual dos africanos da região enviados às Américas (THORNTON, 1994, p. 59).⁹ Os angolanos cativos carreraram consigo o treinamento físico – nos corpos – e as filosofias de combate – nas mentes. Elementos destas tradições prosseguiram na América do Norte, onde chegaram mais cativos da África Central que de qualquer outra região africana (ELTIS *et al.*, 1999; DONNAN, 1965). O legado cimbebasiano de pugilismo parece ter sido a base das artes de luta negras mais disseminadas das Américas.¹⁰ Como veremos, cativos africanos e seus descendentes nas Américas exibiam estilos bem distintos dos esportes de combate euro-americanos.¹¹

Esportes de luta nos EUA

O boxe britânico surgiu no final do século XVII, quando James Fig transformou o pugilismo desarmado de uma forma auxiliar da esgrima para um esporte plenamente desenvolvido. Nos anos 1740, Jack Broughton instituiu um conjunto de regras mais

⁹ Para uma descrição do sistema escravista em Angola menos voltada para questões militares, ver Miller (1988).

¹⁰ Um segundo esporte de combate afro-americano era uma forma distinta de luta chamada “*chutando seco*”. Embora cada arte permanecesse uma prática distinta, muitos lutadores praticavam ambas. Tom Molineaux certamente foi respeitado por sua habilidade de luta, como também por sua destreza pugilística (OBI, 2008, p. 77-121).

¹¹ O autor refere-se aos que vivem nas Américas e são nascidos na Europa ou destes descendem, diferenciando-os dos afro-americanos (NT).

abrangente para governar o esporte, que rapidamente se tornou a principal modalidade de luta nos grandes centros urbanos da Grã-Bretanha. Marujos adeptos deste novo esporte indubitavelmente trabalharam ao longo da costa norte-americana. Contudo, a arte do boxe ao estilo inglês nunca se enraizou entre os euro-americanos da colônia. Em vez disso, o principal estilo de combate entre os brancos americanos era um violento boxe “sem lei”, que um governador da Carolina do Norte descreveu em 1746 como uma “forma bárbara e desumana de boxe” (PARRAMORE, 1974, p. 58). Esse estilo de combate, mais tarde, veio a se chamar arranca-olho, em reconhecimento a sua ênfase em mutilar o oponente arrancando-lhe um olho (com os dedos) ou um pedaço da face (com os dentes).

Ligado a ideais de honra, o arranca-olho foi apadrinhado e praticado por elites no período colonial. E permaneceu a forma de luta preferida das classes baixas, enquanto as elites gradualmente a abandonaram, preferindo duelos de espada, antes da Guerra Civil (GORN, 1985, p. 20). Muitos dos pais fundadores dos EUA foram habilidosos arrancadores¹², e, mesmo no período anterior à Guerra Civil, os homens das classes altas às vezes voltavam ao arranca-olho. Em 1796, desejando resolver uma divergência por meio de um duelo “apropriado”, o político Robert Watkins, de Savannah, e o senador James Jackson recorreram ao arranca-olho e Jackson teve que morder o dedo de Watkins para salvar seu olho de ser arrancado (STEVENS, 1940, p. 33-7).

A dissonância cultural entre o boxe britânico e o boxe “sem lei” estadunidense obstruiu o estabelecimento do primeiro na América do Norte. O pugilismo britânico parecia frouxo e pouco viril para o gosto cultural dos “arrancadores”. Brancos

¹² Lutadores de arranca-olho (NT).

americanos somente começariam a adotar amplamente o boxe em estilo inglês após a Guerra Civil, quando os padres católicos começaram a promover ativamente o esporte.¹³ Em contraste, afro-americanos foram introduzidos no esporte de boxear por dinheiro meio século antes.

Nas comunidades em que os primeiros *prizefighters* negros cresceram, as artes de luta mais comuns, chamadas “bate e chuta”, eram variantes dentro dos amplamente conhecidos estilos pugilísticos do Atlântico Negro. Esses distintos esportes de pugilato eram praticados em variados contextos, incluindo duelos e bailes comunitários. A luta de cabeçadas do Atlântico Negro prevaleceu na América do Norte, onde era chamada “cabeçada” ou “toque” (neste caso, reproduzindo o som das cabeças se chocando). O camareiro afro-americano do navio *Ruthy* era “conhecido como campeão dos campeões, tendo se tornado um herói de sua própria cor ao lutar “cabeçada” de gatinhas, como dois carneiros, um modo de luta comum entre negros” (FAUX, 1823, p. 10). As habilidades de evasão defensiva aparentemente permaneceram centrais em alguns duelos de cabeçada no Atlântico negro. Uma descrição detalhada sobre o Brasil notou que o “ataque é lançado ao pular-se de lado ou por igualmente habilidosa esquiva; mas ao saltarem um contra o outro, de forma muito semelhante a bodes, eles volta e meia trocam duras cabeçadas” (RUGENDAS, 1940). Em contextos de bailes e celebrações, o *kick boxing* também era comum, e às vezes literalmente dançado como disputas lúdicas em círculos rituais, acompanhado por música. Na arte negra brasileira de luta com o pé do *jogo de capoeira*, no caribenho *danmyé*, ou nas competições “de chute” norte-americanas (as quais eram praticadas com música até o século XX), os chutes nunca

¹³ No início do século XIX, quando o pugilismo estava no ápice na Inglaterra, “raras pessoas nestas costas já tinham ouvido falar de boxe a dinheiro, simplesmente não havia interesse em tais eventos aqui” (GORN, 1997, p. 51).

eram bloqueados, mas evitados com destreza corporal: abaixando-se em mergulhos defensivos, agachando-se, gingando ou dançando para fora de alcance (KOURI, 1990; OBI, 2000). Ao final do século XVIII, alguns cativos aparentemente lutavam também com as mãos.¹⁴ Embora a arte caribenha de *bèrnaden* seja um exemplo de um boxe negro do Atlântico possivelmente afim que enfatizava tapas de mão aberta e evasão corporal, pouco se sabe sobre a existência, na América do Norte, destes estilos rituais de boxear iniciados por cativos. Nossas descrições detalhadas vêm das situações em que negros eram forçados a lutar no contexto bastante distinto dos desafios de tipo gladiatório sob o mando de seus senhores.

Lutadores escravizados foram, em certas situações, usados como gladiadores para diversão e potencial lucro dos proprietários das plantações. De acordo com Roger Abrahams (1992), “no centro da trama rural da *plantation* estavam as demonstrações de lutas, com os trabalhadores usados como contendores” (p. 23). Tais competições usualmente coincidiam com as temporadas de debulhar grãos e rolamento de tronco¹⁵, quando numerosos escravizados eram reunidos em uma fazenda, fornecendo tanto um conjunto de lutadores quanto um grande público (GORN, 1986, p. 35). Elliott Gorn, um historiador social a quem meu trabalho deve bastante, questiona o quão comuns eram tais jogos, devido a suas premissas de que eles teriam usado boxe britânico e que os senhores teriam se afastado da possibilidade de arriscar o montante investido na compra dos cativos, ao expô-los ao perigo. Embora Gorn esteja correto ao afirmar que não há dados suficientes para estimar com precisão o quão disseminadas estas lutas gladiatórias eram, nenhuma de suas premissas se sustenta frente às evidências existentes a partir de

¹⁴ Marujos negros, alguns dos quais aprenderam o boxe inglês, podem ter ajudado a espalhar elementos desta vertente, assim como relatos das proezas de Richmond e Molineaux para as comunidades escravizadas da América do Norte (DOUGLASS, 1994, p. 253-4; EQUIANO, 1995, p. 65-6).

¹⁵ Jogo em que a pessoa se equilibra sobre um tronco, na água, usando os pés para fazê-lo rolar (NT).

testemunhos orais ou práticas de aposta paralelas.

Para clarificar, é importante distinguir entre dois tipos de disputas com base nas fazendas: aquelas entre cativos da mesma *plantation*, para a diversão do proprietário desta; e lutas a dinheiro entre dois combatentes com donos distintos, envolvendo apostas. No primeiro caso, os jogos não necessariamente eram danosos para os contendores. Henry Bibb descreveu tais combates como hábito comum aos domingos, em sua experiência de cativo no Kentucky. Geralmente eles eram realizados por cativos e acompanhados por música (com banjo) e danças na floresta. Mas, às vezes, os senhores compareciam a essas reuniões e organizavam combates para sua própria diversão:

Antes do combate, cada um escolhia os ajudantes para lhe acompanhar enquanto estivessem lutando; um ringue ou círculo é formado, e a ninguém se permite entrar na roda durante a luta, exceto os ajudantes e os cavalheiros brancos. Eles não eram autorizados a travar um duelo, nem usar armas de qualquer tipo. Os golpes desferidos são chutes, socos e cabeçadas; eles se agarram um ao outro pelas orelhas e chocam suas cabeças como carneiros. Se há a possibilidade de se machurarem com gravidade, os senhores os golpeiam com suas bengalas e os fazem parar. Após a luta, eles se comportam como amigos, cumprimentam-se com um aperto de mão e tomam um trago de bebida juntos, e a briga termina aí (BIBB, 1969, p. 68).

A descrição de Henry Bibb enfatiza o fato de que tais competições às vezes se baseavam em “bate e chuta”, em vez de no boxe britânico, e não necessariamente representavam riscos sérios.

Os combates a dinheiro entre lutadores representando diferentes fazendas, acompanhados por apostas altas, contudo, poderiam ser extremamente violentos. Enquanto esteve escravizado no condado de Jackson (Alabama), John Finney testemunhou lutas de estilo gladiatório, nas quais “a galera das plantações botava seus crioulos pra brigar, de acordo com o tamanho, e casava dinheiro”. Nesses combates, nos

quais nada era “proibido, exceto as faca e os porrete”, alguns gladiadores negros desenvolveram um estilo que combinava cabeçadas, ataques com a perna e socos em um estilo de *vale tudo*¹⁶ chamado *corte*, entre outros termos. Embora ocorresse primariamente para o entretenimento dos senhores, os cativos podiam assisti-los, completando o anel de espectadores que circundava os combatentes.

Finney viu muitas disputas nas quais Tom, o campeão de sua *plantation*, era escalado contra os campeões de outras. Ele recorda os detalhes da luta mais desafiadora que viu Tom fazer:

Os dois crioulos entram nu ringue e Tom começa logo, e aquele crioulo novo, ele também começa rápido. Aquilo surpreende Tom quando eles se juntam como dois touros: *kermash*, soa assim. [o som de suas cabeças se chocando quando eles dão cabeçadas um no outro] Intão bate, chuta, morde, manda cabeçada em qualquer lugar e em qualquer parte, para ganhar do outro. Quem tá por baixo morde o joelho e tudo que pode. E segui desse jeitu, pur meia hora.

Finalmente aquele crioulo novo acerta Tom no estômago com o joelho e um golpe de lado na mandíbula ao mesmo tempo e derruba Tom, e o outro crioulo pula em cima dele com ambos os pés, aí monta nele e acerta ele com direita, esquerda, direita, esquerda, direita, pelo lado da cabeça de Tom. Tom fica lá, sem resistir. Todo mundo sai dizendo, ‘Tom encontrou alguém à altura, ele já era’. Ambos estão sangrando e formam uma cena horrível. Bom, o crioulo novo relaxa para pegar um ar e então Tom, rápido como a luz, vira-se, pula de pé e, antes que o crioulo novo possa levantar-se, chuta-o no estômago várias vezes. O corpo daquele crioulo começa a tremer ele tem qui dizer, ‘tá bom, já deu’ (YETMAN, 1970, p. 124-5).

Este excerto permite uma olhada no estilo de luta violento que combinava troca de cabeçadas, golpes com a perna e socos de formas que tornavam muito provável uma contusão séria.

Nesses jogos de apostas gladiatórios, uma potencial contusão do lutador era um estorvo relativamente menor para os fazendeiros, quando comparada aos valores comumente altíssimos das apostas na Virgínia, em particular nas corridas de cavalo e

¹⁶ Em português no original. (NT)

brigas de galo. Como Timothy Breen mostrou, por volta do início do século XVIII, os cavalheiros sulinos, forçados a trabalhar em conjunto para preservar o domínio sobre as questões locais, passaram a apostar de maneira desmedida, como um canal seguro de expressar sua extrema competitividade, sem ameaçar a tranquilidade social. Se os fazendeiros estavam dispostos a arriscar a si mesmos em violentas corridas de cavalo coloniais, nas quais os contendores podiam usar golpes de joelho, cotovelo ou chicote para derrubar uns aos outros, é improvável que se privassem de arriscar a saúde de um cativo (ISAAC, 1982, p. 99). Portanto, em vez de serem um impedimento para as disputas gladiatoriais, o risco para a saúde dos seus escravizados e as grandes perdas potenciais tornaram-nas atraentes por lhes permitirem demonstrar um *status* superior aos colonos comuns, que não podiam correr tais riscos (BREEN, 1977).

Os próprios combatentes podem ter relutado mais para entrar em tais disputas do que os fazendeiros competitivos que visavam ao lucros com apostas. Não obstante, havia potenciais recompensas para os negros que lutassem bem nos desafios patrocinados por brancos. Primeiro, tais gladiadores escravizados podem ter alcançado uma certa reputação dentro de sua comunidade e a possibilidade de tratamento especial pelo fazendeiro. Sabia-se bem que lutadores com reputação constituíam bons supervisores/capatazes porque tinham o respeito da comunidade cativa e podiam garantir fisicamente a ordem, se necessário. De acordo com Jephtha Choice, “no campo havia sempre um crioulo grande e forte para manter a paz ao alcance da mão (...) Ele tinha que ser bom com os punhos para fazer os garotos que encerrassem no campo andarem na linha” (apud MELLON, 1988, p. 138).

Um terceiro potencial benefício para os cativos gladiadores era que, em circunstâncias extremamente raras, mas que capturavam a imaginação popular, os

escravizados podiam ser libertos do cativo. Existem várias versões de histórias do folclore negro nas quais o herói, que encarna o malandro, derrota um rival muito maior e mais forte (DORSEN, 1957; BREWER, 1965, p. 108-10). A centelha destas histórias folclóricas pode ter sido os exemplos reputados do passado, como Tom Molineaux, que, antes de se tornar o protegido mais famoso de Bill Richmond na Inglaterra, ostensivamente ganhou sua liberdade em uma luta do gênero, na Virgínia:

Em uma festa dada por um dos vizinhos, Randolph Peyton, o jovem Molineaux ouviu um boato de que nenhum escravo das famílias da Virgínia poderia medir forças com um escravo de Peyton, de nome Abe. O senhor de Tom, Squire Molineaux (...) perguntou por voluntários entre seus servos e Tom imediatamente respondeu. O senhor prometeu a liberdade a Tom se ele vencesse a batalha. Com este induzimento, garantiu-se uma peleja animada. Apostou-se considerável soma no resultado. Squire Molineaux, um dos homens mais ricos da Virgínia, apostou uma quantia enorme no jovem Tom (...) Para aumentar o interesse de Tom na luta, Squire Molineaux deu-lhe um incentivo adicional: prometeu, além da liberdade, a soma de US\$ 100. Aquilo pareceu mudar completamente o preto. Ele dedicou-se agilmente a sua tarefa e seu treinamento foi minucioso. No dia da luta, Molineaux estava em ótima forma. Ele entrou no ringue forte como um touro e cheio de vigor e foi senhor da situação o tempo todo. Ele deu uma coça terrível em Abe. Ele espancou Abe até a submissão em poucos e sangrentos rounds (FLEISCHER, 1938, p. 34-5).¹⁷

Após ganhar sua liberdade, Molineaux foi para Nova York, lugar onde diversos lutadores negros buscavam construir fama.

Nova York sediava uma florescente subcultura pugilística negra. Já em 1682, o general Court observou que cativos se reuniam “em grandes números aos domingos e outros períodos impróprios, usando e praticando diversos esportes rudes e fora-da-lei” que, provavelmente, incluíam esportes de combate, comuns no restante da Nova Inglaterra (PIERSEN, 1988, p. 124).¹⁸ A adoção anterior do boxe se refletiu no fato de

¹⁷ Para outra versão, ver Golding (1954, p. 121-27). Infelizmente nenhum deles cita suas fontes, tornando tênue a validade histórica de ambos os relatos.

¹⁸ Proceedings, General Court of Assizes, 1680-2, *New York Historical Society Collections* 3, 1912, p. 37.

que, durante a Guerra de 1812, entre os prisioneiros de guerra americanos confinados na prisão racialmente segregada de Dartmoor, os internos negros, liderados pelo *prizefighter* da Nova Inglaterra Richard Crafus, abriram escolas e cobravam taxas dos brancos que queriam aprender a dançar e a boxear no estilo britânico (BOLSTER, 1997, p. 103-130; COBB, 1841, p. 2, 34-5; HAWTHORNE, 1926, p. 184). Embora os africanos e descendentes somassem não mais que 5% da população total da Nova Inglaterra, William Piersen (1988) mostrou que, não obstante, eles experimentaram um nível vibrante de autonomia cultural.¹⁹ Tais tradições foram muito mais marcantes em Nova York, que se destacava como a maior cidade detentora de escravos do Norte. No século XVIII, era a segunda maior sociedade escrava da América do Norte, depois de Charleston (WILDER, 2001, p. 14). Nova York tinha a segunda maior população urbana de africanos nas colônias britânicas, e um quinto dos 11 mil habitantes de Manhattan eram cativos. Em Kings County (Brooklyn) e Staten Island, onde Bill Richmond cresceu, a população escravizada passava bastante de um quarto do total por volta de 1770, quando ele tinha sete anos (JOHNSON, SMITH, 1998, p. 107). Nova York era um centro cultural para os negros do Norte e guardava uma tradição cultural de disputas sob a forma de luta, incluindo boxe a dinheiro. No início do século XIX, lutadores negros eram vistos com frequência competindo nas esquinas (WHITE, 2002, p. 52). Um observador de 1820 espantou-se com a multidão que se juntou para ver uma peleja na esquina das ruas Anthony e Little Water, no meio de uma tarde, “entre dois negros, que, pelo que percebo, são notados por seu pugilismo”.²⁰ Parece ter sido nestes combates organizados por negros, a partir de iniciativa própria, que Molineaux fez

¹⁹ Essas disputas incluíam tanto luta com paus quanto combates desarmados.

²⁰ The American, 24 August 1820. Outro escritor descreve uma luta a dinheiro similar um século depois, por “cinquenta centavos para cada lado”. Morning Courier and New York Enquirer, 11 December 1834.

fama, enquanto trabalhava nas docas como carregador do mercado Catherine, o “quartel-general dos boxeadores crioulos”²¹ (JOHNSON, 1968, p. 67). De acordo com Fred Henning (1903):

Por quase cinco anos Tom (...) viveu em Nova York e, durante este período, travou várias lutas (...) Os combates devem ter tido alguma importância, pois em 1809 encontramos o negro assumindo o título de ‘Campeão da América’, e parece que ele foi o primeiro homem a chamar-se desta forma.

Essas lutas parecem mais próximas do pugilismo ao estilo inglês que as descrições de *corte* citadas anteriormente. Isto pode ter feito de Nova York um importante ponto de transição, permitindo aos lutadores negros com conhecimento de “bate e chuta” ou *corte* gradualmente se adaptarem a regras como as do boxe a dinheiro inglês.²² Não obstante, as técnicas defensivas de “bate e chuta”, que incluíam trabalho de pés semelhante à dança e esquivas e desvios laterais, para baixo, e agachamentos, eram todas utilizadas no boxe a dinheiro sob quaisquer regras. De fato, Richmond introduziu a ciência destas técnicas no boxe britânico, no qual se abordava a defesa de forma completamente distinta.

Richmond e o “chão” do boxe a dinheiro inglês

Na Inglaterra, o boxe era um passatempo exclusivamente urbano que juntava homens da elite e da classe trabalhadora em relações de patronagem/clientela em função de uma estética masculina nacionalizada. No cerne dessa estética estava o conceito de “chão”: a habilidade de posicionar-se frente aos golpes recebidos, sem recuar,

²¹ Paul Magriel. “Tom Molineaux”, *Phylon*, n. 12, 1951, p. 329-330.

²² Mesmo sob as regras de Broughton, chutes, rasteiras e cabeçadas não foram proibidos até 1838, permitindo que mesmo praticantes do “bate e chuta” estrito tivessem amplas oportunidades de usar suas habilidades no ringue de boxe a dinheiro (FORD, 1971, p. 116-8).

independentemente da adversidade que o sujeito encarasse. Escritores da Regência promoveram o pugilismo como uma demonstração artística de masculinidade, honra e comedimento que fomentava a coragem inglesa e o orgulho nacional. O Príncipe de Gales, futuro Rei George IV, seus irmãos, o Duque de York e o Duque de Clarence, futuro Rei William IV, eram todos ávidos entusiastas do pugilismo. Ao mesmo tempo, a classe trabalhadora urbana afluía para o pugilismo tanto como espectadora quanto como competidora, levada pela oportunidade de ganhar uma bolsa de valor entre dez e cem libras. Na última década do século XVIII, o boxe a dinheiro fora considerado “o esporte nacional, cujas lições contribuíram para o predomínio do exército inglês” (HEINY, 1987, p. 154-5; REID, 1971, p. 14).

Muitos aficionados da elite e do povo ligavam o boxe à reputação nacional.²³ O ringue constituía um palco no qual figuras como o judeu Daniel Mendoza, o irlandês Tom Spring, o galês Ned Turner e outros jogavam uma espécie de darwinismo social em que o campeão era visto como um exemplo da coragem, habilidade e masculinidade inatas de seu grupo.²⁴ Enquanto outros esportes brutos caíam em descrédito devido às reformas moralistas da classe média, o boxe vivia seus anos de ouro durante o primeiro quartel do século XIX, em parte devido à ameaça da expansão francesa sob Napoleão (REID, 1971, p. 13). Com a sobrevivência em questão, os ingleses, em sua maioria,

²³ Como Eagan coloca, hiberbolicamente, “não apenas a palavra liberdade está impressa na língua do infante que mal consegue balbuciar-la, mas também *que um bretão nunca será escravo*” e não havia melhor garantia disso que o pugilismo, “calculado para melhorar e manter a velha bravura dos bretões” (1845, p. 15).

²⁴ Enquanto seus equivalentes brancos na América do Norte, um século mais tarde, podiam, a contragosto, se proteger do sucesso dos atletas negros ao invocarem o sentimento racista de que os negros simplesmente se revelavam selvagens menos civilizados, na Inglaterra da Regência, já se considerava que o boxe continha a mesma “civilidade” acalentada por tais sentimentos americanos tardios. Acadêmicas feministas notaram que o boxe, “uma atividade essencialmente sem propósito, floresceu no cada vez mais racional século XIX” porque, à medida que o poder dos homens sobre as mulheres era ostensivamente corroído – ou, ao menos, desafiado –, o esporte era usado como uma forma de amparar a superioridade do homem ‘natural’ sobre a mulher ‘natural’ (MESSNER, SABO, 1990).

fecharam-se em apoio ao pugilismo, o qual há muito havia sido associado à confiança na superioridade da tenacidade e das habilidades marciais nacionais tipificadas pelo “chão”²⁵ dos *prizefighters*. Líderes do movimento trabalhista promoveram o boxe por sua capacidade de conter a civilidade “afeminante” que poderia levar à dominação por estrangeiros e, conseqüentemente, à escravidão (GORN, 1986, p. 30). Foi neste período, em que os boxeadores britânicos eram considerados ícones da nação, que Richmond emergiu e ameaçou os paradigmas existentes de superioridade nacional e racial.

Richmond tornou-se o primeiro astro esportivo afro-americano, mas também foi percebido como uma ameaça à ordem racial. Neste aspecto, ele foi seguido por uma série de antigos boxeadores afro-americanos – ex-escravos, a maioria – incluindo Sam Robinson, Henry Sutton, George Head e Tom Molineaux. O nacionalismo associado com pugilismo, naquele tempo, necessariamente ganhou um tom racial quando um lutador negro começou a derrotar os melhores competidores ingleses. Não fosse por seu status racial, os sucessos de Richmond e Molineaux teriam sido saudados de forma triunfante nos Estados Unidos durante as crescentes tensões com a Inglaterra em torno da guerra de 1812. Em vez disso, a imprensa norte-americana, em grande medida, os ignorou. Na Inglaterra, dado que os defensores promoviam o boxe para fomentar a tenacidade que preveniria a escravização por estrangeiros, surgiu uma preocupação significativa quando Richmond, um antigo escravo, tirava desforra ao derrotar com

²⁵ “E os vigorosos ingleses há muito são reconhecidos por seu boxe tanto quanto por sua carne; ambos são inadequados aos estômagos aguados e aos nervos fracos de seus inimigos, os franceses. Para esta nutrição e esta arte, vale aquela velha máxima estabelecida, de que um inglês pode bater três franceses” (“Slack Boxing”. *Connoisseur*, London, 22 August 1754 apud WOOD, BURROWS, 1925, p. 100).

Os lutadores também tinham ciência de seu papel distintivo na política internacional. Em 1811, por exemplo, os principais pugilistas de Londres organizaram um evento beneficente e enviaram a renda das lutas para “aliviar o sofrimento dos portugueses cujas cidades haviam sido destruídas pelos franceses” (EGAN, 1824, v. 1, p. 295).

rapidez o outrora adorado inglês George Maddox.²⁶ Após a luta, o político William Wyndham usou sua posição na Câmara dos Comuns para fazer um discurso em que usou a luta Richmond-Maddox para refutar maior apoio ao cultivo do boxe entre os britânicos (EAGAN, 1845, p. 25-6).

Richmond foi apelidado “o Terror Negro”, alcunha que também capturava o horror social generalizado que a ascensão social deste homem negro gerava em boa parte do público. Durante fins do século XVIII e início do XIX, o status social dos negros, que chegavam a 10 mil em Londres, tornou-se uma ampla preocupação nacional.²⁷ Num tempo em que muitos negros eram vendidos aos lotes em leilões e a maioria formava o segmento mais baixo da sociedade, Richmond destacou-se por ter sido educado em Yorkshire e, apesar dos obstáculos sociais que impediam a maioria dos negros de entrarem nos negócios, ele foi aprendiz de marceneiro. Como um homem de negócios qualificado, estabeleceu-se em Londres com um grau de segurança financeira desconhecido por muitos aspirantes a *prizefighter*. Sendo assim, Richmond não foi levado ao pugilismo por falta de alternativas econômicas, e inicialmente não tinha intenção de se tornar um *prizefighter*.

Contudo, a disposição de Richmond ameaçava o orgulho racial dos trabalhadores brancos, alguns dos quais tentaram “colocá-lo de volta em seu lugar” por meio da afirmação mais primitiva de masculinidade: a violência. Para manter a honra, Richmond às vezes lutava contra ataques racistas de ingleses muito maiores. Sua “forte

²⁶ Em 1804, Richmond compareceu a um evento de boxe como o pajem/guarda-costas do Lorde Camelford quando Maddox “desafiou Richmond para o campo” (a entrar no ringue pela primeira vez) em uma contenda improvisada, a qual Maddox venceu no nono round, quando Richmond parou a luta. Como um profissional tarimbado, Richmond foi à forra em 1809.

²⁷ Servos acompanhando o retorno de seus senhores do Caribe foram minuciosamente examinados nos anos por volta da decisão Somerset em 1772 e o movimento abolicionista cresceu no debate público até a Lei Emancipatória de 1833 (LORIMER, 1992; SCOBIE, 1972; SHYLLON, 1992).

paixão por roupas” atraía bastante atenção e ofensas dos trabalhadores ingleses. Um ferreiro enorme, indignado com a aparência limpa de Richmond, chutou a calça branca deste com botas pretas antes de ser arreventado na briga subsequente (BADCOCK, EGAN, VINCENT, 1821, v. 2, p. 534). As mulheres brancas que acompanhavam Richmond causavam ressentimento ainda maior. Em 1804, por exemplo, Frank Meyers, conhecido como York Bully, abordou-lhe e chamou-lhe “diabo negro” por caminhar com uma mulher branca. Richmond, muito menor, recusou-se a lutar na presença de uma mulher e convenceu Meyers a travar um duelo pugilístico mais tarde, em um pomar, onde surrou o oponente grandalhão de forma tão devastadora que Meyers supostamente ficou sem poder ingerir alimentos sólidos por uma semana (EGAN, 1824, v. 3, p. 441). Portanto, prenunciando Jack Johnson em mais de um século, Richmond, que foi em frente e casou-se com uma inglesa branca, foi tão desprezado por sua conduta fora do ringue quanto por sobrepujar seus competidores no lado de dentro. À medida que Richmond criou fama por derrotar os homens grandes que o atacavam, especialmente na medida em que alguns eram lutadores profissionais, a insistência de seus camaradas e dos fãs de boxe eventualmente pressionou-o a entrar na profissão (FORD, 1971, p. 38-9).

Como lutador profissional, Richmond também representou um “terror negro” pelo soco cultural que seus oponentes levaram por meio de seu estilo único de boxear. Sua ascensão no boxe trouxe um desafio não apenas para as noções de hierarquia racial e nacionalismo inglês, mas também para as presunções a respeito dos estilos de lutar. Os ingleses valorizavam, acima de tudo, a habilidade de o lutador manter-se de pé e sofrer, tanto quanto causar, dano. Diferentemente do boxe moderno, cada lutador começava face a face, cada um com um pé no *scratch*, ou linha de partida, e idealmente lutavam

um confronto direto e próximo até que um fosse nocauteado com um soco ou um golpe de luta²⁸, finalizando o *round*. O lutador que eventualmente não conseguisse retornar em 30 segundos (após o final do round) era declarado perdedor. A prática normal de defesa não era mover-se (esquivar-se), mas sim absorver o golpe diretamente ou usar os braços como um escudo estático, sem a ajuda do trabalho de pés. O capitão Godfry apresenta uma imagem clara da tática ao descrever Broughton: “ele não pisa para trás (...) Não, Broughton pisa à frente com força e firmeza, dando boas vindas ao próximo golpe, e o recebe com o braço em guarda” (citado por FORD, 1971, p. 120). O atributo mais valorizado de um boxeador inglês era “o poder de aguentar socos, ou o que era genericamente chamado *chão*”. De acordo com Egan (1824),

Havia homens que pareciam peculiarmente formados para o chão. Os mais duros golpes pouco impressionavam as costelas de uns e as cabeças de outros. A escola antiga nos fornece exemplos surpreendentes de chão. O mencionado Buckhorse, dizem, costumava ficar em pé sem guarda e deixava-se socar pelo lutador mais duro por uma ninharia de dinheiro. A escola moderna também possui numerosos casos de chão, praticados por Crib, Painter, Oliver (...) (v. 2, p. 19).

Em termos de técnicas de defesa, naquele período, os ingleses reverenciavam o “chão” como a expressão máxima de masculinidade.

Em contraste, Richmond chegou à Inglaterra com um estilo de combate que, como outros estilos de luta do Atlântico Negro, enfatizava a agilidade defensiva. Para os ingleses, esta tática era indicativa da falta de coragem de “levar um soco como um homem”. Por conseguinte, o novo padrão de competição de Richmond foi inicialmente rejeitado como covardia. Contudo, a eficácia do trabalho de pés defensivo e esquiva lateral tornou-se evidente com as numerosas vitórias de Richmond sobre oponentes

²⁸ Greco-romana (NT).

muito maiores. Richmond foi amplamente reconhecido como superior a todos os demais pugilistas em “bater e escapar” (PANCRATIA, 1812, p. 335). Contrastando com seus rivais ingleses de pés chatos, Richmond “tinha tantos movimentos laterais e pulos no ringue como o herói do pessoal de cor (...) Ele estava por toda parte do ringue de vinte e quatro pés; e nenhum boxeador compreendia melhor o que se chama *bater na esquiva*²⁹” (EAGAN, 1845, p. 105-6). Sua habilidade para esquivar-se de todos os ataques e habilidosamente contra-atacar durante este movimento permitiam confundir todos que se colocavam à sua frente, apesar de ser muito mais leve que seus oponentes.

Embora muitos contemporâneos, especialmente os lutadores influentes do velho estilo inglês, continuassem a censurar a luta defensiva como um “costume efeminado”, Richmond revolucionou o esporte. Seu sucesso como profissional garantiu um grande público quando enfrentou o competidor número um, Thomas Cribb, que se tornou campeão na luta seguinte. Embora Richmond, com 42 anos e pesando 152 libras, eventualmente jogasse a toalha contra Cribb, de 24 e pesando 224 libras, exibiu a defesa “dançada” típica das formas de combate do Atlântico Negro. Ele “bailava e dançava no ringue, às vezes caindo [abaixando-se em posturas defensivas sob a linha de golpe], em outras saltitando mais ou menos num estilo de dança taitiana” (PANCRATIA, 1812, p. 245).³⁰ Os lutadores veteranos e os defensores do chão rejeitaram os movimentos de Richmond, considerados covardes e “mera farsa, que não deve ser tolerada por um minuto sequer” (BADCOCK, EGAN, VINCENT, 1821, v. 1, p. 112). *Sporting Magazine* reportou que “seria insípido para nós entrar nos particularidades desta luta, a

²⁹ Socar o adversário ao mesmo tempo em que se esquiva/recua de um golpe (NT).

³⁰ Sem exagerar o contraste, ao contrário dos lutadores da velha escola como Maddox, que era o epítome da confiança no chão puro, Cribb era um contra-atacante que frequentemente recorria ao “bater na esquiva” quando não podia superar diretamente seu oponente. Em sua luta com Blake, por exemplo, os passos para trás de Cribb foram criticados como “manobras bem safadas” (The Sporting Magazine, February 1805, p. 283).

qual, pode-se dizer, durou uma hora e meia. Foi, no todo, cansativa; o negro dançou pelo ringue (...). Não obstante, o estilo de Richmond claramente criou “terror negro” em seus oponentes, pois registrou-se que “Crib parecia assustado com a longa pegada negra de seu adversário, e não podia ser persuadido a encará-lo corajosamente e golpeá-lo de imediato” como se esperaria, dadas as diferenças de idade e tamanho. Em vez disso, após uma hora e meia desviando-se dos golpes de Crib, Richmond, 42 anos de idade, disse “já basta”, com um sorriso no rosto. Essa habilidade dinâmica impressionou bastante o público, incluindo o Duque de Clarence, que “parecia apreciar a brincadeira de Richmond”, cuja reputação pouco se abalou com a derrota.³¹

Richmond, um orador eloquente, argumentou a favor dessas táticas defensivas semelhantes à dança como parte de sua filosofia de “preservação dos corpos”, a qual enfatizava a manutenção da saúde do corpo e a movimentação para evitar o perigo em vez permitir que a prática inglesa de aguentar golpes e a idade a desgastassem (EGAN, 1824, v. 1, p. 449). A eficácia desta filosofia foi realçada por sua longa e vitoriosa carreira de lutador, particularmente suas últimas lutas. Aos 51 anos, idade que muitos pugilistas da época não viviam para alcançar – quanto mais lutar –, Richmond enfrentou Jack Davis, que tinha “pouco mais da metade da idade de Richmond e possuía todas as vantagens de juventude, força e ciência”³². No quinto assalto, a habilidade defensiva de Richmond

explodiu de forma tão visível que os até então hesitantes agora estavam convencidos de sua superioridade (...) [Richmond] livrava-se com destreza incomum (...) [Davis], ao persegui-lo, errava quase todos os golpes, quando Richmond, de forma inesperada para seu antagonista, parou próximo e aplicou-lhe um golpe tão feio na boca que Davis rapidamente caiu na grama (...)

³¹ “Boxing”. *The Sporting Magazine*, October 1805, p. 38.

³² “Boxing”. *The Sporting Magazine*, May 1814, p. 71.

Talvez o testamento mais eloquente da defesa de Richmond seja sua condição posterior à luta: “após ser declarado vencedor, Richmond, com a agilidade de um acrobata, saltou as cordas, que tinham quase cinco pés de altura”. Apesar da idade, deixou o ringue tendo recebido “apenas um golpe próximo à têtora no primeiro round, e outro na boca, de leve e de poucas consequências”. Ele ficou para aproveitar o resto dos eventos esportivos do dia, enquanto Davis “havia sido castigado tão formidavelmente que não conseguia ficar de pé e recebeu ajuda para retirar-se do recinto”, devido aos golpes que recebeu para demonstrar seu chão (EGAN, 1824, v. 2, p. 128-130)³³. Richmond retornou da aposentadoria para lutar sua última contenda profissional aos 55 – e, novamente, seu estilo revolucionário de defesa derrotou seu oponente mais forte e jovem, Jack Carter, em apenas três rounds.

Embora seu estilo de lutar tenha sido inicialmente repudiado como covardia, Richmond tornou-se um dos mais procurados treinadores e expoentes da ciência do pugilismo. Seu famoso protegido, Molineaux, chegou perto de desafiar o título de Cribb.³⁴ Não obstante, foi Richmond quem causou impacto mais duradouro na cultura e na técnica do boxe, por meio de suas inovações na London’s Fives Court, onde se disputavam lutas pugilísticas que levaram a novos padrões, a partir dos quais o boxe

³³ “Boxing”. The Sporting Magazine, May 1814, p. 71.

³⁴ Muitos contemporâneos e historiadores sustentam que Molineaux venceu a luta, mas foi impedido pelo público irado que correu ao ringue e machucou Molineaux no processo. De acordo com muitos, no vigésimo-oitavo assalto, Molineaux nocauteou Cribb. De acordo com Golding, “Tom Cribb ficou deitado, bem inconsciente, por meio minuto. O juiz o chamou uma, duas, três vezes. Ele permaneceu deitado como um homem morto.” Cerca de 200 espectadores, contudo, recusaram-se a aceitar a decisão, passaram pelas cordas e invadiram o ringue. Acusando Molineaux de manter projéteis em seus punhos, eles o abordaram e quebraram ou machucaram sua mão. O caos continuou até que Cribb foi reanimado. Cribb depois recuperou-se e venceu no trigésimo-terceiro assalto, mas a luta permanece objeto de debate até o século XX. Nas palavras de Egan, “não se esquecerá, se justiça for feita, que apenas sua *cor* o impediu de tornar-se o herói daquela luta” (ênfase no original). Comparar com An Amateur (1810), Golding (1954, p. 132), Egan (1824, v. 3, p. 493) e Cone (1982). A despeito destes debates, Molineaux devia a Richmond tanto como patrono quanto como professor de pugilismo. “A Richmond, ele deve, sem dúvida, considerável proporção daquela ciência pugilística que possui” (EGAN, 1824, v. 1, p. 369).

moderno se desenvolveu.³⁵ Richmond era universalmente reconhecido como o primeiro expoente das novas estratégias defensivas no esporte (EGAN, 1824, v. 2, p. 127; FORD, 1971, p. 144; PANCRATIA, 335). Ele foi um mestre em golpear e esquivar-se dos contra-ataques dos oponentes. Sua defesa combinava trabalho de pés semelhante à dança, passos laterais e “muitas esquivas laterais e pulos” (EGAN, 1845, p. 105-6). Após uma série de vitórias, jornalistas começaram a reconhecer suas técnicas como um “sistema”, em vez de algo “grotesco”, e Richmond foi reconhecido como superior a todos os pugilistas na arte da defesa. Essa especialidade conferiu-lhe respeito e um amplo leque de pupilos. Egan notou com admiração que não houve “um pugilista mais apropriado para ensinar a *ciência* que Richmond”, que “nunca recebeu qualquer lição de quaisquer professores [de boxe], mas, ao contrário, deu instruções a centenas, não apenas em várias partes do reino, mas também no pico das competições, Londres” (1824, v. 3, p. 403; v. 1, p. 447). A academia de boxe de Richmond foi frequentada por lutadores negros subsequentes, incluindo Tom Molineaux, Jim Johnson e Massa Kendrick, além de numerosos lutadores e entusiastas brancos. Até Lorde Byron frequentou o local (SHYLLON, 1992, p. 207). Richmond também ensinou o estilo revolucionário a seu filho, a quem o Príncipe George de Cambridge escolheu como tutor de lutas (EGAN, 1845, p. 12). Corro o risco de dizer o óbvio: esses estudantes não acorreram a Richmond na esperança de que ele pudesse lhes conceder alguma superioridade biológica negra, mas para aprender o estilo defensivo que introduziu no

³⁵ Richmond foi um pioneiro no esporte e algumas de suas outras inovações ainda se refletem na prática contemporânea. Ele foi o primeiro a lutar sem uma roupa ou camisa. Também foi Richmond que teve a ideia do primeiro palco elevado para lutas, de maneira que os espectadores pudessem ver melhor a ação. Esse palco desmontável foi usado durante o primeiro quartel do século XIX nas exibições de luta praticamente semanais realizadas na Fives Court, situada na porta ao lado da hospedagem de Richmond, o *Horse and Dolphin*, que vendia entradas para os eventos. Ele foi um ativo organizador do esporte por meio do Clube de Pugilismo e recebeu o primeiro dos eventos beneficentes do grupo, no qual ganhou 50 libras para demonstrar sua habilidade de lutar em confrontos com luva (EGAN, 1845, p. 106, 410; FORD, 1971, p. 119, 138, 146).

esporte.

Richmond foi capaz de contradizer o mito da inferioridade negra e, exceto com Cribb, derrotar todos os oponentes. Ele pôde fazê-lo não porque tinha um crânio mais espesso ou mais necessidade econômica que seus adversários. Em vez disso, seu sucesso pode ser atribuído a seu estilo revolucionário de luta, cuja ênfase na evasão defensiva era compartilhada com o *bate e chuta* e outros pugilismos do Atlântico Negro. Essas tradições de combate negras podem ajudar a contextualizar as habilidades de evasão de Richmond, as quais foram o segredo de seu sucesso e uma contribuição duradoura para a doce ciência.³⁶

Referências

ABRAHAMSON, Roger. *Singing the Master: The Emergence of African-American Culture in the Plantation South*. New York: Pantheon Books, 1992.

AN AMATEUR. *The Battle! An impartial and scientific account of the battle between Cribb and Molineaux, which was fought at Cophall Common, on Tuesday, December 18, 1810*. London: John Fairburn, 1810.

BADCOCK, John; EGAN, Pierce; VINCENT, George. *The Fancy, or, True sportsman's guide: being authentic memoirs of the lives, actions, prowess and battles of the leading pugilists, from the days of Figg and Broughton, to the championship of Ward*. 2 vols. London: J. M'Gowan and Son, 1821.

BIBB, Henry. "Narrative of the Life and Adventures of Henry Bibb, an American Slave" In: OSOFSKY, Gilbert (ed.). *Puttin' On Ole Massa: The Slave Narratives of Henry Bibb, William Wells Brown and Solomon Northrup*. New York: Harper & Row, 1969.

³⁶ Pós-escrito: na década após a ascensão destes competidores do mundo negro, o boxe começou a declinar de seu apogeu na Inglaterra. Após a Guerra Civil Americana, contudo, o esporte começaria uma nova fase, em solo americano. Embora, teoricamente, isto tenha trazido títulos de campeão e dinheiro de bolsas para perto de casa, no que diz respeito aos lutadores afro-americanos, os "campeões" americanos brancos continuariam a "desenhar uma linha de cor" para evitar as habilidades de luta negras e as repercussões sociais de uma possível derrota para um pugilista negro. Seria apenas um século após a batalha de Molineaux com Cribb em Cophall Commons em 1810 que Jack Johnson reacenderia, entre os brancos estadunidenses, muitos dos medos que Bill Richmond e Tom Molineaux provocaram entre os ingleses.

- BOLSTER, Jeffrey. *Black Jacks: African American Seamen in the Age of Sail*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1997.
- BREEN, Timothy H. Horses and Gentlemen: The Cultural Significance of Gambling among the Gentry of Virginia. *William and Mary Quarterly*, n. 34, p. 329-347, 1977.
- BREWER, James. *Worser Days and Better Times*. Chicago: Quadrangle Books, 1965.
- COBB, Josiah. *Green Hand's First Cruise: Five Months in Dartmoor*. Baltimore, Md.: Cushing & Brother, 1841.
- CONE, Carl. The Molineaux-Cribb Fight, 1810: Wuz Tom Molineaux Robbed?. *Journal of Sport History*, v. 9, p. 83-91, 1982.
- DONNAN, Elizabeth. *Documents Illustrative of the History of the Slave Trade to America*. New York: Octagon Books, 1965.
- DORSEN, Richard. *American Negro Folktales*. Greenwich, Conn.: Quadrangle Books, 1957.
- DOUGLASS, Frederick. *My Bondage and My Freedom*. New York: Miller, 1994.
- EGAN, Pierce. *Boxiana; or, Sketches of modern pugilism: containing all the transactions of note, connected with the prize ring, during the years, 1821, 1822, 1823: with an essay on the art of training: dedicated to Colonel Berkeley*. 4 vols. London: Printed for Sherwood Jones and Co. Paternoster Row W. Marchant, 1824.
- EGAN, Pierce. *Every Gentleman's Manual: Lecture on the Art of Self-defence*. London: Sherwood and Bowyer, 1845.
- ELTIS David Eltis *et al.* *The Trans-Atlantic Slave Trade: a Database on CD-ROM*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- EQUIANO, Olaudah. *The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano*. Boston: Bedford Books, 1995.
- EZE, Emmanuel Chukwudi. *Race and the Enlightenment: A Reader*. Cambridge, Mass.: Blackwell, 1997.
- FAUX, W. *Memorable Days in America: Being a Journal of a Tour to the United States...* London: W. Simpkin and R. Marshall, 1823.
- FLEISCHER, Nat. *Black Dynamite: The Story of the Negro in the Prize Ring from 1782 to 1938*. New York: C.J. O'Brien, 1938.
- FORD, John. *Prizefighting: the Age of Recency Boximania*. South Brunswick: Great Albion Books, 1971.

GORN, Elliott J. 'Gouge and Bite, Pull Hair and Scratch:' The Social Significance of Fighting in the Southern Backcountry. *American Historical Review*, v. 90, p. 18-43, 1985.

GORN, Elliott J. *The Manly Art*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1986.

GORN, Elliott. Sports through the Nineteenth Century. In: POPE, S. W. (ed.) *The New American Sport History: Recent Approaches and Perspectives*. Urbana: University of Illinois Press, 1997, p. 33-57.

GOULD, Stephen Jay Gould. *The Mismeasure of Man*. New York: Norton, 1981.

GOLDING, Louis. *The Bare-knuckle Breed*. New York: Barnes, 1954.

HAWTHORNE, Nathaniel. *The Yarn of a Yankee Privateer*. New York: Funk & Wagnalls, 1926.

HEINY, Henriette A. Gram. *Boxing in British Sporting Art: 1730-1824*. Dissertation (Ph.D.) University of Oregon, 1987.

HENNING, Frederick W.J. *Fights for the Championship, the Men and their Times*. London: Licensed Victuallers' Gazette, 1903 [1898].

HOBERMAN, John M. *Darwin's Athletes: How Sport has Damaged Black America and Preserved the Myth of Race*. Boston: Houghton Mifflin Co., 1997.

ISAAC, Rhys. *The Transformation of Virginia*. New York: Norton, 1982.

JOHNSON, James Weldon. *Black Manhattan*. New York: Arno Press, 1968.

JOHNSON, Charles Richard; SMITH, Patricia. *Africans in America: America's Journey through Slavery*. New York: Harcourt Brace, 1998.

KOURI, Christopher. *The Search for Knocking and Kicking: Notes toward a Definition and Historical Understanding of the Old Time Slave Derived Martial Art and Related Fighting Techniques of the Gullah*. Thesis (B.A.). Yale University, 1990.

LINNAEUS, C. *Systema naturae*. Holmiæ [Stockholm]: Impensis Direct. Laurentii Salvii, 1758.

LORIMER, Douglas A. Black Resistance to Slavery and Racism in Eighteenth Century England. In: GUNDARA, Jagdish S.; DUFFIELD, Ian (ed.). *Essays on the History of Blacks in Britain: From Roman Times to the Mid-twentieth Century*. Brookfield, Vt. : Avebury, 1992, p. 58-80.

MELLON, James (ed.) *Bullwhip Days: The Slaves Remember, An Oral History*. New York: Weidenfeld & Nicolson, 1988.

MESSNER, Michael A. Messner; SABO, Donald F. *Sport, Men, and the Gender Order: Critical Feminist Perspectives*. Champaign, Ill.: Human Kinetics Books, 1990.

MILLER, Joseph. *The Way of Death: Merchant Capitalism and the Angolan Slave Trade 1730-1830*. Madison: University of Wisconsin, 1988.

OBI, T.J. Combat and the Crossing of the Kalunga. In: HEYWOOD, Linda (ed.). *Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 353-370.

OBI, T.J. *Divining History: Historical Linguistics and African Divination in Historical Reconstruction*. Washington, D.C.: African Studies Association, December 2002.

OBI, T. J. *Fighting for Honor: African Martial Arts in the Atlantic World*. Columbia S.C.: University of South Carolina Press, 2008.

PANCRATIA, or, A history of pugilism: containing a full account of every battle of note from the time of Broughton and Slack down to the present day. London: W. Oxberry, 1812.

PARRAMORE, Tom. Gouging in Early North Carolina. *North Carolina Folklore Journal*, v. 22, p. 55-62, 1974.

PIERSEN, William D. *Black Yankees: The Development of an Afro-American Subculture in Eighteenth-Century New England*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1988.

REID, John Cowie. *Bucks and Bruisers: Pierce Egan and Regency England*. London: Rutledge and K. Paul, 1971.

RODRIGUES, Pero. História da residência dos Padres da Companhia de Jesus em Angola, e cousas tocantes ao Reino e conquista. In: BRASIO, António (ed.). *Monumenta Missionaria Africana*. 15 vols. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954.

RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem Pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

SCOBIE, Edward. *Black Britannia: A History of Blacks in Britain*. Chicago: Johnson Pub. Co., 1972.

SHYLLON, Folarin. The Black Presence and Experience in Britain: An Analytic Overview. In: GUNDARA, Jagdish S.; DUFFIELD, Ian (ed.). *Essays on the History of Blacks in Britain: From Roman Times to the Mid-twentieth Century*. Brookfield, Vt. : Avebury, 1992. p. 202-224.

STEVENS, William Oliver. *Pistols at Ten Paces*. Boston: Houghton Mifflin, 1940.

SWEET, James. Iberian Roots of American Racist Thought. *William and Mary*

Quarterly, v. 54, p. 143-166, 1997.

THORNTON, John. The Art of War in Angola, 1575-1680. *Comparative Studies in Society and History*, v. 30, p. 360-378, 1988.

THORNTON, John. African Soldiers in the Haitian Revolution. *Journal of Caribbean History*. v. 25, n. 1-2, p. 58-80, 1994.

WHITE, Shane. *Stories of Freedom in Black New York*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2002.

WIGGINS, David K. 'Great Speed but Little Stamina': The Historical Debate over Black Athletic Superiority. In: POPE, S. W. (ed.) *The New American Sport History: Recent Approaches and Perspectives*. Urbana: University of Illinois Press, 1997. p. 312-338.

WILDER, Craig Steven. *In the Company of Black Men: The African Influence on African American Culture in New York City*. New York: New York University Press, 2001.

WOOD, L.S.; BURROWS, H.L. (ed.). *Sports and Pastimes in English Literature*. London: Thomas Nelson & Sons, 1925.

YETMAN, Norman R. *Life under the "Peculiar Institution": Selections from the Slave Narrative Collection*. Huntington, N.Y.: Robert E. Krieger, 1970.